



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CURRÍCULO: INTERFACES NO LIMIAR DO SÉCULO XXI

Mônica Souza Moreira⁶⁰⁹
(UESB)

RESUMO

Em “Currículo: interfaces no limiar do século XXI” apresentamos uma retomada da origem e trajetória do currículo, identificando seu papel junto ao modelo de escola, de teorização da educação que se elege por base e da estrutura da sociedade vigente. Fazemos uma metáfora do currículo com um caminho que se abre na medida em que surge a necessidade de se caminhar por uma nova estrada. Entendemos que se trata de um instrumento que é o próprio trabalho escolar, refletido no modelo de homem que se quer formar, totalmente pautado nas demandas e dilemas atuais. Assim, esse estudo se propõe discutir o currículo como a multiplicidade de relações do processo dialético entre teoria e prática, onde os fundamentos contemporâneos estão no pensamento complexo e multirreferencial proposto por alguns pesquisadores e que apresentam uma trilha nova, interessante e adequada para os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Currículo. Conhecimento.

INTRODUÇÃO

Oportunamente iniciaremos esse texto com a frase: “o caminho se faz caminhando”, ela intitula um livro publicado em 2003, que na verdade trata-se de um diálogo entre os grandes mestres Paulo Freire e Myles Horton acerca da educação e mudança social.

⁶⁰⁹Pedagoga, especialista em Neuropsicologia e Magistério Superior. Professora no Instituto Federal da Bahia – Campus Vitória da Conquista. Grupo de Pesquisa em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. E-mail: monymoreira@bol.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Falar de currículo é falar de caminho, contudo não temos a pretensão de confundir a feitura da trilha no ato de caminhar com improviso, mas com a capacidade de abrir estradas por onde se precisa passar. Os novos contextos sociais predominantemente dinâmicos e por assim dizer, passíveis de constantes mudanças, requerem da educação a capacidade de planificar e organizar os saberes escolares por meio de um currículo capaz de atender às necessidades dos momentos em que eles emergem.

Seria uma utopia? Estamos falando de considerar a nossa realidade como ponto de partida e a diversidade como elemento base da nossa vivência. Já dizia Garcia e Moreira (2008), “(...) temos sempre um sonho de escola, apesar de todas as críticas às utopias, nós temos. Quando educamos, sempre somos direcionados por uma utopia, um sonho a ser realizado. Não se trata de um sonho que nos satisfaz pelo sonho (...)”, algo fixo nele mesmo e que nos causa paralisia, estamos nos referindo, portanto ao sonho como algo que nos mobiliza para ação.

O currículo apresenta uma relação direta com a sociedade onde ele está inserido partindo dessa premissa, é fato que para que as relações de domínio, de alguns grupos hegemônicos se mantenham são utilizados alguns instrumentos, sendo o currículo um desses. Nesse sentido podemos perceber que o currículo não é neutro, pois toda ação humana apresenta intencionalidade. Assim, ao se fazer à seleção daquilo que será ensinado, se valorizará apenas uma parte, essa “escolha” se dará segundo as visões de mundo, sociedade e homem que se têm.

O discurso da teoria curricular “aparece, assim, como o conjunto de objetivos da aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenham efeitos cumulativos avaliáveis, de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante” (SACRISTÁN, 2000, p. 47).

As questões sobre o currículo estão no centro das discussões atuais sobre educação escolar. Os estudos sobre currículos originam-se nos Estados Unidos seguindo uma ótica pautada na prática e na dinâmica organizacional.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

No Brasil, as primeiras preocupações aparecem nos idos dos anos 20, mas só no final dos anos 60 e durante a década de 70 é que a teoria curricular emerge com mais força, contudo fortemente criticada por sua extrema ligação política.

Até a década de 80 o pensamento nacional ainda seguia os ditames e teorizações estadunidenses, nesse período, os estudos representaram mais um esforço de criticar as diretrizes curriculares desse período do que reformular, fortalecer esse campo de estudo e direcionar as transformações que se faziam indispensáveis na escola brasileira. Contudo, nas décadas seguintes ocorreu um movimento do setor social, dando destaque às questões de gênero, raça e sexualidade.

Na década de 80, com o início da redemocratização do Brasil, as vertentes marxistas ganharam força e no início dos anos 90, a predominância do pensamento psicológico cede espaço ao enfoque sociológico, buscando-se uma compreensão para o currículo e as relações de poder. Trata-se de uma questão central nos estudos que hoje vem se apresentando, entendermos a teoria e a prática, como saberes cotidianos escolares que deram espaço ao exercício do poder.

Desta forma, Bourdieu (*apud* Gadotti, 1995), compreende a escola como aparato ideológico do estado, o ponto de partida para a sua análise é a relação entre o ensino e o social. Para o referido autor, a origem social marca de maneira inevitável e irreversível a carreira escolar e, depois, profissional dos indivíduos. Continua, a ação pedagógica é uma violência simbólica na medida em que se refere a uma imposição por meio de um poder arbitrário ou cultural, representando, ainda, um sistema de relações de força entre a classe dominante e a dominada (BOURDIEU, 1992. p. 20).

Os saberes escolares como conhecimentos a serem aprendidos e que fazem parte do cotidiano da sala de aula, devem propiciar o desenvolvimento e aprimoramento do ser humano, contribuindo para a construção de diferentes atitudes, competências, habilidades e transformações do aluno ao longo dos anos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de estudos. “Obviamente não é qualquer conhecimento, desprovido de qualquer sentido, mas um conhecimento que, depois de uma série de perguntas que se façam e de respostas que se deem, (...) tenhamos considerado importante de estar sendo trabalhado por alunos e professores” (GARCIA e MOREIRA, 2008, p. 25).

É compreender o currículo e o conjunto das áreas disciplinares, do domínio dos conteúdos e dos princípios pedagógicos comuns, do saber a ser ensinado, de reconhecer o aluno, sua história de vida e de suas aprendizagens, saber onde ele está, onde a escola está, enquanto momento econômico. É localizando os fundamentos históricos, culturais e políticos nos modelos de educação e, especialmente, um conhecimento de si mesmo, que se pode desenvolver pessoal e profissionalmente o indivíduo e perceber a necessidade das mudanças e transformações.

Segundo Saviani (1994), o currículo envolve uma multiplicidade de relações, abertas ou táticas, que dizem respeito à escola como instituição e às unidades escolares especificamente.

Para que o currículo possa ser meio de transformar os processos educacionais, faz-se necessária uma reflexão acerca dos objetivos da educação escolar e dos valores e conhecimentos que o permeiam: da participação dos diferentes segmentos sociais nas decisões sobre o conteúdo da escolaridade e sua seleção; da democratização quanto ao acesso ao conhecimento; dos processos de transformação das decisões tomadas na prática; da seleção de recursos metodológicos; da organização de turmas e dos professores que irão acompanhá-las; da organização do tempo e do espaço; das formas de avaliação e das mudanças questionadas nas práticas escolares.

Há uma relação indissociável entre currículo e a prática pedagógica, relação dialética entre teoria e prática, visto que para que uma ocorra é necessária a presença da outra.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A globalização nos levou a uma nova forma de viver e de fazer parte da realidade, rompemos a barreira espaço-tempo, tornamos nosso dia-a-dia mais dinâmico, passamos a utilizar novas ferramentas e formas de comunicação e as grandes redes de comunicação passaram a ocupar papel de destaque nos setores financeiros.

Dessa maneira,

um mundo com essas características precisa ser explicado por meio de alguma teoria que dê conta da rede em que se mesclam o real, os pensamentos e os projetos locais. O que é complexo e contraditório só pode ser compreendido a partir do *paradigma da complexidade*. (...) A educação em um mundo globalizado precisa superar as obviedades e a clareza aparente dos fenômenos, abordar temas e problemas de forma interdisciplinar e abandonar a tendência à especialização que os faz em pedaços. (Sacristán *apud* GARCIA e MOREIRA, 2008, p. 57)

Lima Jr. (2005), a respeito da multirreferencialidade, pontua dessa forma que “as bases críticas contemporâneas do currículo, estão profundamente articuladas com as bases do pensamento complexo de Morin”. Completacom Macedo (*apud* Lima Jr, 2005, p. 114), “para Morin, a palavra complexidade porta em seu seio a confusão, a incerteza e a desordem. Portanto, é complexo aquilo que não pode se resumir a uma palavra-mestra”.

A noção de multirreferencialidade tem que ver com os diferentes contextos e suas diferentes linguagens. Não se pode mais pensar a realidade a partir de um único ponto de vista, de um paradigma controlador que busca alienar, enquadrar, normatizar. É preciso, perceber a escola como um todo heterogêneo e como tal necessita de vozes múltiplas e incompletas que o sustente. A realidade não se esgota nas palavras proferidas acerca dela, é apenas a ponta do iceberg, por trás do translúcido e fluído, há sempre o risco do desconhecido.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Parece, contudo, mais paradoxal ainda quando se busca não uma complementaridade de pontos de vistas, mas uma “afirmação das limitações dos diversos campos do saber, da tomada de consciência dos ‘vazios’ criativos, da necessidade do rigor fecundante e da consciência da nossa ignorância enquanto inquietação”. (Macedo *apud* Lima Jr., 2005, p. 118).

O fundamento à crítica contemporânea do currículo está no pensamento complexo e multirreferencial. O que nos permite dizer que é preciso entender o currículo como um todo que carece ser ressignificado na práxis cotidiana como sistema aberto, dinâmico, dialético, onde essa mesma dialética precisa se atualizar, esse contexto está mudando de maneira substancial cinco eixos da sociedade, a saber: o papel do Estado, a estrutura da sociedade, o trabalho, a cultura e o sujeito (SACRISTÁN *apud* GARCIA e MOREIRA, 2008, p. 60). Poderíamos agregar também a esse entendimento das transformações do sujeito, as questões da subjetividade.

Em uma abordagem realista-social do currículo, “o próprio currículo é pensado e praticado como uma estrutura externa, independente daqueles que o vivenciam, mas que modela seus comportamentos, especialmente o cognitivo, numa única direção tida como legítima e verdadeira: a racionalidade e operatividade tecnocientífica.” (Lima Jr., 2005, p. 87).

Assim,

(...) pedagógica e metodologicamente, o currículo se traduz em fragmentações disciplinares e didáticas, mantidas inclusive nos discursos e práticas ‘disciplinares’ (*trans, pluri, multi, inter*), já que o *eixo* se mantém na ‘disciplina’ explicitamente relativa ao processo de organização/ gradação dos conhecimentos científicos em conhecimento escolar e, do mesmo modo, dá-se uma transferência dos métodos, procedimentos, técnicas, regras, científicos para as metodologias, técnicas, procedimentos e performances escolares ou técnico-pedagógicos (LIMA Jr., 2005, p. 89).

Essas são as concepções teóricas e sua transposição nas práxis educativas, todavia anseia e requer proposta de um currículo vivo.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Dentro de uma nova perspectiva do currículo, que segundo Lima Jr. (2007) estaria engajada na lógica hipertextual, que segue os pressupostos apresentados por Pierre Lèvy no que diz respeito a arquitetura da cognição humana. Nesse contexto, a escola corresponderia também a uma tecnologia intelectual, já que possui uma estrutura complexa e rizomática, representando um ponto ou nó, uma possibilidade de inserção, por assim dizer, na imensa rede de conhecimento.

Avançando nessa proposição, pensar no currículo, considerando a estrutura social em que vivemos, aprofundando um discurso crítico e atual, situado a partir das novas tecnologias da informação e comunicação e com ele o desenho curricular como hipertexto, o que melhor possibilitaria o fazer educativo nos dias atuais, com o perfil de aluno atual, visto que as novas tecnologias instauraram um novo modo de ser e de pensar.

Nesse aspecto, nos apoiamos na experiência em estudar currículo de Sacristán (*apud* GARCIA e MOREIRA, 2008, p. 57), que confirma “o mundo em rede é um mundo diferente no qual se produzem conexões múltiplas entre distâncias variáveis e com conteúdos distintos, no qual o protagonismo dos diferentes Estados, povos e culturas é desigual”. Essa forma de ver a realidade faz parte de uma dinâmica complexa, que foge da engenharia linear que durante muito tempo estivemos tão habituados.

CONCLUSÕES

Elencamos como objetivo principal fazer essa articulação entre o presente objeto de estudo e as suas inter-relações com as necessidades de mudanças na escola, bem como com os profissionais que fazem parte dessa realidade sejam eles professores ou gestores, percebendo as dimensões dos currículos como pressupostos fundamentais da prática cotidiana.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para isso entender as histórias de vida que constituem não só a prática pedagógica, sobretudo a práxis – porém nesse momento não temos a intensão de seguir uma nova trilha, nos deteremos ao já percorrido, na tentativa de que essa interface possa se articular com outras para assim obtermos algum avanço, nessa área de estudo.

Enfim, falar do currículo no limiar do século XXI é falar de contradições, mudanças utopias. Que sejamos a utopia e façamos dela nossa realidade.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GARCIA, Regina Leite e MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LIMA JR, Arnaud Soares. **A Escola no Contexto das Tecnologias de Comunicação e Informação – do dialético ao virtual**. Salvador: EDUNEB, 2007.
- LIMA JR, Arnaud S. de. **Tecnologias Inteligentes e Educação: Currículo Hipertextual**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**. São Paulo: Autores Associados, 1994.